

# Dificuldades para os líderes

BANCADAS DIVIDIDAS E RETALIAÇÃO DOS DERROTADOS AMEAÇAM OS NOVOS LÍDERES NO CONGRESSO

A interferência do governo no processo de definição das novas lideranças partidárias na Câmara — especialmente no PDS, PTB e PMDB — poderá comprometer o desempenho desses partidos, já que os candidatos derrotados prometem, junto com seus liderados, partir para uma vingança. Ontem, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, admitiu que o governo não poupou esforços para implodir o Bloco Parlamentar Independente, o Bloquinho — que reuniria PDS, PTB, PDC e PL. Passarinho confirmou que a estratégia exigiu, por exemplo, uma interferência direta na eleição do líder do PDS, para desestabilizar a reeleição do deputado Victor Faccioni. “Foi uma atuação nossa (governo). Faccioni tem uma posição muito insistente em relação ao Bloquinho”.

Embora Passarinho e o presidente do PDS, Paulo Maluf, tenham acertado que vão encaminhar à presidência da Câmara um terceiro nome, o de José Luiz Maia, para a liderança do partido, os candidatos José Lourenço e Faccioni, que empataram na primeira eleição, podem não aceitar esse acordo. Faccioni chegou a encaminhar uma carta à bancada admitindo abrir mão de sua candidatura, desde que José Lourenço fizesse o mesmo. José Lourenço disse que vai pensar, mas nos corredores do Congresso procura dinamitar o nome de Maia. Ele tem espalhando que, como coordenador da bancada para conseguir recursos no Orçamento, Maia “foi muito beneficiado”. Maia é muito amigo do ex-relator-geral do Orçamento, o atual ministro Ricardo Fiúza, e também de Passarinho.

No PMDB, Genebaldo Corrêa foi reconduzido à liderança, com ajuda governista, mas obteve apenas 3 votos a mais que seu adversário, Odacir Klein. Genebaldo, considerado “mais flexível” nas negociações, terá de ouvir os deputados que votaram em Odacir — quase metade da bancada. Ontem, em Salvador (BA), Genebaldo já mostrou uma mudança de retórica, ao condenar a gestão de Collor. “Esse governo, rejeita-

do pelo povo brasileiro, é como bode: basta encostar nele que a catinga pega”. Genebaldo procurou ainda contestar que sua vitória tenha contado com a ajuda do PFL e de outros partidos que apóiam o governo. “Minha vitória foi apenas uma escolha de estilo da bancada”.

No PTB, onde o governo ajudou Nélon Marquezelli a derrotar Gastone Righi, há ameaças de retaliações. A atuação do senador José Eduardo Andrade Vieira, dono do banco Bamerindus, considerada definidora para a derrota de Righi, levou os partidários do ex-líder a dizer que vão contestar a liderança de Marquezelli. O deputado Roberto Jefferson já ensaia, nos corredores do Congresso, o que vai falar na próxima sessão da Câmara, quando Nélon Marquezelli tomar a palavra: “Sr. presidente, quero dizer que este senhor, líder do Banco Bamerindus, está falando pela instituição bancária que o elegeu e não pelo PTB”, referindo-se à ligação entre Marquezelli e o senador José Eduardo Andrade Vieira.

“Essas lideranças não representam seus partidos e o ano legislativo pode ter sido comprometido”, diz o deputado Paulo Delgado (PT-MG). Os descontentes dos partidos que perderam as disputas nas lideranças poderão assumir atitudes isoladas e descompromissadas dos que estão no comando, criando uma espécie de comando paralelo no Congresso, aposta outro petista, o deputado José Genoíno.

Preservado até aqui na totalidade só existem o PFL e o PT, cujas lideranças foram escolhidas por aclamação. “O que vai acontecer é simples: os líderes dos partidos farão acertos e o plenário pode não cumprir”, aposta Jefferson. Pode ocorrer também a rendição dos dissidentes aos irresistíveis poderes das lideranças. São os líderes que indicam os nomes para as comissões, sinalizam os que fazem viagens oficiais e ainda influem em negociações para a concessão de cargos, favores e posições dos governos estadual e federal.